



A vida em comunidade

A caminhada cristã nunca é uma peregrinação solitária, já que não devemos perder de vista que o Senhor nunca chamou pessoas para junto de si: o Pai prepara, separa e levanta sempre um povo. Dizendo isto quero significar a verdade de que ninguém foi chamado para caminhar sozinho no Evangelho, mas somos chamados para caminhar com uma comunidade que já existia antes de nós e continuará existindo após nossa partida.

A comunhão é uma disciplina construída sobre a verdade de que o Senhor chamou para si um povo, uma nação santa (2Pedro 2.9). Essa verdade é tanto visível no Antigo Testamento, personificada na própria nação de Israel, como no Novo Testamento, quando Jesus deixa uma comunidade de discípulos que devem caminhar sempre lado a lado (João 15.12-17). Jesus sempre estimulou seus discípulos a construir relacionamentos no Reino, enviou-os em duplas e enfatizou sempre a necessidade de que houvesse amor entre seus aprendizes.

Viver em comunidade é nosso grande privilégio e nosso grande desafio. É nosso privilégio porque a comunhão entre os discípulos é resultado da união com Cristo. Como Paulo enfatiza em sua epístola aos Efésios, capítulo 2, versos 11 a 22, o efeito maravilhoso da salvação de Jesus sobre seu povo é que por meio de seu sacrifício Jesus venceu todo isolamento, toda separação para fazer de nós família de Deus (v.19).

Ao mesmo tempo, viver em comunidade é um grande desafio devido à sobrevivência da pecaminosidade em nós. Somos pessoas diferentes, feridas, incompreendidas e ainda por cima pecadoras. Tudo isso cria graves dificuldades para que venhamos a construir relacionamentos sólidos, baseados no amor do próprio Jesus. A comunhão, que é uma grande bênção do Pai para nós, pode se tornar muitas vezes uma séria dificuldade.

Não devemos perder de vista essas duas realidades: o privilégio e a dificuldade. Deixar de lado qualquer tipo de idealismo em relação às pessoas e à igreja é um passo fundamental para a construção de uma verdadeira espiritualidade comunitária. Como afirmou Warren: “quanto mais rápido renunciarmos à ilusão de que uma igreja deve ser perfeita para que a amemos, mais rápido deixaremos de fingir e admitiremos que somos todos imperfeitos e precisamos da graça. Esse é o início da verdadeira comunidade! Toda igreja deveria afixar uma placa: ‘Pessoas perfeitas não precisam entrar. Este lugar é somente para os que admitem ser pecadores...’”¹.

Dietrich Bonhoeffer, escrevendo em seu clássico *Vida de Comunhão*, afirma que “aquele que ama mais seu sonho de comunidade cristã que a própria comunidade cristã, se tornará o destruidor de cada comunidade cristã, não importa o quanto honestas, sérias e sacrificiais sejam suas intenções”.² Não devemos amar os outros discípulos pelo que eles deveriam ser, mas pelo que eles são. Este é o início da construção de uma comunidade.

A disciplina dos relacionamentos

Uma disciplina crucial e vital em nossa caminhada cristã certamente é a comunhão. A comunhão ocorre quando “nos engajamos nas atividades comuns de adoração, estudo, oração, celebração e serviço com outros discípulos. Ela pode envolver grandes grupos ou apenas umas poucas pessoas”.³ Quase todas as práticas devocionais que listamos até agora podem ser feitas tanto individualmente como comunitariamente. Meditar nas Escrituras, orar e jejuar são práticas que podemos realizar com outros irmãos.

A comunhão é a disciplina dos relacionamentos, e por isso a comunhão é uma expressão genuína da fé cristã, pois Jesus veio nos reconectar a relacionamentos. A salvação é a experiência de termos um novo relacionamento com o Pai por meio de Cristo e de termos um novo relacionamento uns com os outros por meio de Cristo.

Essa é a lição profunda que Jesus deixa a seus discípulos na imagem da videira e dos galhos, no capítulo 15 do Evangelho de João. Nessa parábola, Jesus deixa claro que estar conectado a ele é estar conectado ao outro discípulo, e que a expressão de um relacionamento frutífero com Jesus é o amor pelo próximo. A comunhão é a disciplina onde o cristianismo é forjado e atestado.

¹ WARREM, Rick. *Uma vida com propósitos*, p. 142.

² BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em comunhão*.

³ WILLARD, Dallas. *O Espírito das Disciplinas*, p. 188.

Espiritualidade comunitária

A disciplina da comunhão é o caminho para a construção de uma espiritualidade comunitária, ou seja, uma forma de caminhar espiritualmente ao lado de outros discípulos. As Escrituras enfatizam a disciplina da comunhão como parte essencial da construção da espiritualidade, de tal maneira que podemos até mesmo dizer que a comunhão é essência da fé cristã. Mas por que a comunhão é tão essencial?

Por que a comunhão é uma consequência da salvação em Cristo. Ao longo de todo o capítulo 15 do Evangelho de João Jesus mostra três áreas de relacionamentos do discípulo: a relação com Cristo (versos 1-11), a relação com o outro discípulo (versos 12-17) e finalmente a relação da comunidade com o mundo (versos 18-27).

Jesus aponta para a relação comunitária como um desdobramento do fato de que os discípulos estão em Jesus como galhos enxertados em uma árvore. Por que eles estão em Jesus e Jesus está em seus discípulos, eles agora são membros uns dos outros, unidos por meio de Jesus em uma comunidade de discípulos.

Na seção central do texto, onde Jesus enfoca a comunhão, o Senhor enfatiza o mandamento do amor. O amor é o caminho para se exercer a prática da disciplina da comunhão, para através da comunhão edificar uma espiritualidade comunitária, marcada por relacionamentos profundos e curadores.

Entretanto, nosso grande desafio é adentrarmos profundamente o sentido da palavra “amor” aqui no texto, já que somos desafiados a nos amarmos uns aos outros não a partir dos nossos padrões de amor, mas a partir dos padrões do próprio Jesus. “Que vocês se amem como eu amei vocês!” João 15.12. Geralmente nossos discursos a respeito do amor são bastante dilatados, mas quando somos realmente desafiados a amar na prática não temos muita idéia do que isso significa. Contudo, as Escrituras nos declaram como funciona esse amor, e o que fazer para traduzir na comunhão nosso amor por Jesus e pelos outros discípulos.

Construindo comunidade com amor

A comunidade de cristãos da cidade de Corinto era uma igreja muito conhecida dos cristãos primitivos. Essa comunidade era famosa por ter cristãos que operavam com dons magníficos, uma igreja operosa e que agregava muitos convertidos por seu dinamismo. Entretanto, Paulo escreve para essa igreja para repreendê-la por uma falta grave que estava sendo uma constante na forma como esses irmãos estavam construindo sua comunidade: a falta de amor.

É com este pano de fundo em mente que podemos compreender uma das passagens mais belas das Escrituras: 1Coríntios 13. Neste texto Paulo mostra duas realidades importantes para a comunidade dos coríntios. A primeira é a verdade de que realizações, por maiores que sejam, não possuem qualquer relevância sem o amor (versos 1-3). Precisamos construir nossa espiritualidade, nossos projetos, nossas vidas e tudo mais com amor, por que é o amor que faz nossas obras efetivas, relevantes, transformadoras nas vidas das pessoas que estão à nossa volta.

A segunda verdade é a realidade de que o amor não é algo que sentimos, mas é a forma como escolhemos agir. James Hunter, em *O monge e o executivo*, mostra de maneira clara como o amor muitas vezes é reduzido ao que sentimos, e como não podemos controlar nossos sentimentos em grande parte do tempo, pensamos que amar é algo que depende de diversos fatores. Entretanto, “o amor é o que o amor faz”⁴. Amor é o que fazemos. Vamos então olhar a lista de atitude que Paulo enumera para mostrar como construirmos uma comunidade de amor.

Amar é ser paciente com as pessoas. Amar é ser bondoso. Amar é não explodir em ciúmes, é não se achar melhor do que as outras pessoas e nem se deixar levar pela arrogância. Amar é não ser inconveniente, descuidado ao tratar com as pessoas. Amar é procurar o bem do outro e não ser egoísta. Amar é engolir a ira e não descontar os problemas em outras pessoas. Amar é não guardar rancor das faltas das pessoas contra nós. Amar é buscar a justiça, fazer o certo e ter prazer na verdade, sem mentir ou manipular o nosso irmão. Amar é sofrer pelo outro. Amar é acreditar, no Pai e nas pessoas que estão à nossa volta. Amar é esperar. O amor tudo suporta, vence as barreiras e desafios que pareciam impossíveis.

Culto comunitário

A disciplina da comunhão não pode ser resumida a um momento específico, como as demais disciplinas. Na verdade, sempre que estamos com outros discípulos, seja comendo, compartilhando, conversando e até mesmo jogando vídeo game, estamos em comunhão.

⁴ HUNTER, James. *O monge e o executivo*, p.62.

Entretanto, existe um momento especial em que a comunhão dos santos se torna mais profunda e densa: o momento de culto comunitário. O culto comunitário acontece quando nos reunimos em comunidade para nos voltarmos como o povo no poder do Espírito para o Pai que nos redimiu em Jesus Cristo. Quando estamos reunidos em adoração ao Pai a comunhão se mostra de uma maneira toda especial como uma disciplina de espiritualidade comunitária.

O culto comunitário pode tomar diferentes formas de acordo com a tradição cristã da comunidade, suas ênfases e até mesmo sua localização geográfica. Contudo, embora a liturgia, os cânticos e orações possam variar em diversos aspectos, cultuar é quando nos reunimos para juntos colocarmos nossa gratidão, adoração e petições diante do Senhor, bem como para receber sua Palavra e Sacramentos.

Talvez o culto comunitário seja uma das instituições da igreja que mais precise de um resgate de sentido e de valor, por que muitas vezes confundimos o culto com uma apresentação de performance religiosa. O momento de louvor torna-se um show, cujo fim principal é desfrutar de boa música. As orações públicas tornam-se um momento de exibicionismo religioso e a pregação deteriora em uma palestra de fundo motivacional, cheia de boas idéias mas vazia de autoridade que provem somente das Sagradas Escrituras.

O culto comunitário é o momento em que os discípulos agregam diversas práticas devocionais de maneira comunitária. Temos oração, temos meditação na Palavra, temos comunhão e adoração. O culto comunitário não é o momento de nos assentarmos e usufruirmos passivamente dos produtos religiosos que nos são oferecidos. Este é o momento em que a comunidade se ajunta para adorar o Pai por meio de Cristo Jesus no poder do Espírito Santo.

Engajado em uma comunidade

Ter comunhão com outros cristãos é uma disciplina que simplesmente não pode ser programada e institucionalizada como algumas outras disciplinas, entretanto podemos fazer nossa parte para que essa disciplina seja efetiva em nossas vidas. Vamos pensar em três escolhas que podemos e devemos fazer para que a comunhão seja uma realidade.

A primeira escolha que devemos fazer é nos engajarmos em uma comunidade. Com a proliferação cada vez maior de comunidades evangélicas em nosso país temos uma grande variedade de possibilidades de denominações para congregar e talvez por isso mesmo muitos acabem flutuando de comunidade em comunidade durante grande parte do tempo.

Contudo, para que a disciplina da comunhão seja real devemos nos engajar em uma comunidade e sermos constantes ali para podermos construir relacionamentos que possam crescer. Caso contrário, poderemos correr o risco de não desenvolvermos laços profundos com nenhuma comunidade, sabotando a disciplina da comunhão.

A segunda escolha é adotar uma postura de abertura para relacionamentos novos e mais profundos na comunidade na qual estamos engajados. Sermos constantes em uma comunidade é o primeiro passo e passar a cultivar novas amizades é o segundo e muito importante momento da espiritualidade comunitária. Pequenos gestos como cumprimentar pessoas, mesmo que seja desconhecidas, no início e no fim do Culto comunitário surtirão efeitos maravilhosos. Muitas pessoas só esperam um gesto carinhoso para poderem retribuir, correspondendo nossa gentileza e atenção.

Não devemos nos colocar em nosso lugar esperando que as pessoas venham até nós, mas devemos tomar a iniciativa e fazer nossa parte para que haja um clima agradável de respeito e atenção em nossa comunidade.

A terceira escolha envolve investir para que alguns relacionamentos nossos dentro da comunidade se tornem amizades sólidas e profundas. Não podemos ser amigos de todos os irmãos da comunidade, e o fato de que existem círculos de amizades dentro de nossa igreja não deve entristecer nosso coração. Esses círculos não podem ser fechados nem fazer acepção de pessoas, claro, mas o fato é que embora você possa ser simpático com muitos irmãos, você só terá amizades profundas com alguns poucos. Invista nessas amizades, a ponto de poder contar com esses irmãos para sua caminhada espiritual. Engajamento, abertura e aprofundamento.